



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9773 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

POR QUE E PARA QUE TERMINAR O ENSINO MÉDIO? UM ESTUDO SOBRE  
TRAJETÓRIAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS CERTIFICADOS PELO ENEM  
Evelyn de Souza Lima - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
UNIRIO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## **POR QUE E PARA QUE TERMINAR O ENSINO MÉDIO? UM ESTUDO SOBRE TRAJETÓRIAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS CERTIFICADOS PELO ENEM**

### **RESUMO**

O problema posto nesse trabalho foi entender, por meio de 29 respostas de um questionário e sete entrevistas, porque jovens, com intuito de finalizar o ensino médio, se certificaram pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e como suas trajetórias implicaram nessa escolha. O Enem ficou responsável pela certificação do Ensino Médio de 2009 a 2017, substituindo o Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) nessa certificação. O trabalho apresenta o perfil dos/as jovens respondentes e também relaciona as trajetórias escolares dos jovens com o mundo do trabalho indicando ser essa relação fundamental para a compreensão das possibilidades de (in)conclusão da escola regular. Os resultados obtidos indicam a importância de análises e avaliações que levem em conta a literatura sobre a atual condição juvenil, incluindo as experiências narradas pelos jovens e suas trajetórias escolares inter-relacionadas com sua vida familiar e diferenciadas incursões no mundo do trabalho, a partir de uma política até então pouco pesquisada. Mostrou-se que o percurso escolar não é substituível, mas que a certificação via Enem foi importante para ampliar o campo de possibilidades dos jovens.

**Palavras-chave:** Juventude. Políticas de certificação. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Ensino Médio.

### **TEXTO**

O trabalho buscou compreender os motivos que levaram alguns jovens estudantes a se certificarem pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para concluir o Ensino Médio. Essa compreensão se deu a partir das trajetórias de vida de jovens universitários que optaram pela certificação via Enem entre 2014 e 2017.

A partir de uma onda de avaliações externas/larga escala, são criados no Brasil importantes exames, dentre eles o Encceja e o Enem. A princípio com funções e objetivos

diferentes, os exames se cruzam no ano de 2009, possibilitando que indivíduos com o ensino médio inconcluso solicitassem a certificação durante a inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio, podendo também utilizar este com vestibular.

Assim, o trabalho procurou entender se as experiências escolares vivenciadas pelos jovens tiveram influência nessa decisão, pressupondo inicialmente que os jovens que buscaram essa certificação não tinham conseguido concluir a escola básica, pois apesar de apresentarem uma maior escolaridade em relação à geração anterior, principalmente devido às políticas educacionais implementadas nos últimos vinte anos, os jovens em geral passam por outros problemas que incidem paralelamente a expansão do ensino, como a alta taxa de distorção idade série, excesso de reprovações e evasão, além da baixa qualidade do ensino oferecido principalmente pelos estados.

O trabalho de coleta de dados foi realizado a partir de 29 respostas a um questionário feitas de modo online a partir do *Google Forms*<sup>1</sup>. A partir das respostas do questionário, foram selecionados sete alunos que se destacavam de alguma forma para a realização de uma entrevista individual, guiada pelo próprio questionário aplicado anteriormente, com a intenção de aprofundar algumas questões<sup>2</sup>.

A maioria dos jovens estava na faixa que corresponde a classificação jovem-jovem<sup>3</sup> e a maioria dos jovens era oriundos de colégios públicos e uma minoria de escolas privadas. Dos que estudaram em colégios públicos, a maior parte desses estudaram em colégio público federal, sendo 10 de um total de 18 respondentes.

A maior parte dos jovens respondentes eram brancos, sendo autodeclarados brancos 16 dos respondentes do questionário; pardo cinco, pretos sete e amarelo um. De acordo com os critérios do IBGE para cor ou raça, pretos e pardos se encaixam na categoria negro, assim 12 dos 29 dos participantes.

A maior parte dos jovens entrevistados solicitaram a certificação via Enem porque haviam reprovados muitas vezes na escola, dos 29 respondentes, apenas nove nunca haviam reprovado, muitos deles antes de reprovarem já abandonavam a escola por não acreditarem mais na possibilidade de aprovação.

Dentre outros fatores que mais foram apontados pelos jovens para o abandono estão a não identificação com a escola, a depressão e a gravidez na adolescência. Nas entrevistas individuais, falas como “o ambiente me deixava mal”, “eu não me sentia bem ali” foram constantes. No caso da maternidade, uma jovem revelou que precisava de dois empregos pra sustentar a filha, então entre continuar trabalhando e estudar, o trabalho falou mais alto.

A questão do labor apareceu tanto como uma necessidade pessoal, quanto como uma necessidade familiar, em que em alguns casos o ele foi motivo para não voltar à escola, e em outros casos não estar na escola era motivo de ter que estar trabalhando. Além disso, dois casos mostraram que a certificação do ensino médio, apesar de não garantir emprego, pode fazer com que oportunidades sejam perdidas. A falta do certificado de conclusão deixa as oportunidades de trabalho mais precárias, desigualdade social que tem incidido diretamente na juventude (FERREIRA, 2011).

É importante destacar o porquê da existência de jovens que, sem reprovações, solicitaram o diploma pelo Enem, mesmo tendo concluído o terceiro ano. Esses jovens tinham cursado o ensino médio no IFRJ, que exigia a conclusão do técnico para obtenção do

diploma. Em entrevista, uma jovem que cursou o médio nessa instituição colocou que “todo mundo fazia isso lá”.

Outro fator que possibilita que esses jovens, mesmo tendo a maioria dificuldades no percurso escolar, ingressassem no ensino superior foi o surgimento do SiSU. Com o Sistema de Seleção Unificada, os inscritos começaram a ter possibilidade de mudar constantemente de opções de curso conforme sua nota oferecesse possibilidades de aprovação ou não, até o último dia de inscrição aberta, aumentando as chances de ser selecionado para algum curso de graduação. Assim, o curso escolhido para muitos desses jovens se torna uma “escolha pelo possível” (NOGUEIRA et. al., 2017, p. 67). Como colocado por um entrevistado, a partir de sua nota ele procurou o que dava pra passar, pois, por nunca ter gostado de estudar, não poderia ter o privilégio de escolher. Não à toa, a maior parte dos entrevistados estavam em cursos da área de humanas, considerados de menor prestígio social.

A partir da pesquisa, uma reflexão sobre quais são as intenções dos jovens com o Ensino médio e qual seu significado torna-se necessária, se este é apenas uma ponte para o ensino superior que pode ser ultrapassada sem ser exatamente completa. Sposito (2008) traz essa importante indagação, sobre qual seria a identidade do ensino médio, último segmento da educação básica, já que por princípio, ele seria para preparação ao ensino superior, quando as escolas eram frequentadas por um número muito inferior de jovens do que é hoje. Agora, esse mesmo segmento, quando olhado para o público, tende a não cumprir esse papel, deixando uma pergunta aparentemente sem resposta sobre sua finalidade.

Para os jovens aqui, o ensino médio em geral aparentou ser uma ponte para o ensino superior. Para maioria, ultrapassar essa ponte foi difícil, pois encontraram diversos problemas no caminho. Em conjunto com a escola em muito dos casos, diversos fatores externos implicaram na não conclusão de forma tradicional da escola média para esses jovens, que encontraram na certificação pelo Enem uma forma de ampliar seu campo de possibilidades (VELHO, 2003), em que além de conseguirem o diploma do ensino médio, também entraram na universidade. Fatores como indisciplina, excesso de reprovações, a própria estrutura escolar, problemas emocionais pesaram na decisão pela certificação via Enem.

A expansão da escolarização dada a partir dos anos 1990 e reorganizada a partir dos anos 2000 tem gerado implicações nos atuais processos de conclusão da educação básica. Essa escolarização, principalmente da geração de jovens da década de 2000 em diante, vem se dando de uma forma não linear, o que implica diretamente em quando e como se dará a finalização da educação básica desses indivíduos (FERREIRA, 2019).

Assim, a maioria dos jovens dessa pesquisa vivenciaram essas “trajetórias truncadas”, principalmente devido a reprovações. O olhar do ponto de vista da juventude também coloca como uma das características da atual condição juvenil as trajetórias não retilíneas. Mesmo no caso da pesquisa posta, com jovens diferenciados, eles se “encontram” nesse mesmo ponto. A noção de trajetória mostra uma negociação dos jovens com o campo de possibilidades colocado num determinado período, que, nesse caso, contou com a possibilidade de fazer o Enem para obter a certificação e para vestibular; ampliando esse campo de formas diferentes, para jovens diferentes, vivendo na mesma condição juvenil.

Ao contrário do público tradicional da Educação de Jovens e Adultos, formado majoritariamente por pessoas de classes populares, trabalhadores e pessoas pretas e

pardas, as pessoas que se certificaram pelo Enem eram extremamente diversas. Porém, o que se via era uma maioria de jovens, principalmente de 18 e 19 anos (SERRÃO, 2014). A pesquisa aqui realizada obteve resultados semelhantes: um grande público jovem-jovem, com variedade de condições sociais. Assim como encontrado por Serrão (2014), viu-se com as entrevistas e a partir do questionário que os jovens que se disponibilizaram para pesquisa se utilizaram da certificação pelo Enem como uma estratégia de correção de fluxo, tendo a maioria pensado em entrar na universidade também.

Apesar de uma quantidade expressiva de jovens nunca terem reprovado ou abandonado a escola, em relação à idade, todos precisavam ter um “atraso” para adquirir o diploma, sendo necessário ter no mínimo 18 anos no ano de realização do Enem. O que se pode indicar sobre esses jovens é que, sendo todos do IFRJ, não querer esperar para finalizar o técnico e entrar imediatamente na universidade (a questão do tempo “gasto” se torna muito importante) ou a não identificação com o curso técnico foram motivos por decidir pela certificação via Enem.

Diversos fatores corroboraram para os jovens enxergarem no “pegar o diploma pelo Enem” uma forma concluir o ensino médio, ampliando o campo de possibilidades dos seus projetos de vida a partir da formação escolar. Problemas para além dos escolares (reprovações e abandono) ou causadores deles influenciaram para que os jovens tivessem suas trajetórias truncadas: depressão, problemas familiares, insatisfação com o sistema escolar, formação de novos núcleos familiares e mundo do trabalho.

O mundo do trabalho mostrou ter grande influência na maioria das trajetórias pesquisadas, tanto influenciando na saída da escola quanto na reflexão sobre a importância da certificação para um emprego melhor e no desejo pela entrada em um curso superior, já que a maioria dos jovens viam na universidade uma forma de melhorar as possibilidades de entrada no mercado de trabalho. Além disso, para os jovens que tinham filhos, o trabalho possuía outros significados. A relação com o labor de quem possui filhos não é a mesma dos jovens que não tem, pois pressupõe-se que o indivíduo progenitor(a) tenha agora sua própria família. Esse fator “pode repercutir numa dedicação mais voraz ao trabalho e em poucas condições de tempo e capital para dar prosseguimento aos estudos” (CORROCHANO et. al., 2008, p. 20).

Apesar das diversas idas e vindas com abandonos e muitas reprovações da maior parte dos jovens respondentes, ainda sim eles entendiam a certificação do ensino médio importante para seus projetos de futuro. Grande parte deles também tinha um *ethos* construído de continuidade dos estudos e não de abandono total, diferente dos jovens mais pobres e mais vulneráveis da população. O achado apresentado foi que alguns desses jovens não pretendiam ou não esperavam fazer da certificação pelo Enem uma porta de entrada para universidade pública.

Não se pretendeu afirmar que a escolarização do ensino médio, ou mesmo da educação básica, possa ser substituída por um exame, seja o Enem ou o Encceja. Nos próprios depoimentos, foi levantado que a falta do processo comum de escolarização influenciou negativamente quando iniciado o curso universitário. Mas entende-se que essas certificações podem contribuir para jovens que não conseguiram concluir sua escolaridade básica e não tiveram identificação com a EJA, ou mesmo por motivos de trabalho, não conseguiram continuar na escola.

Desde 2017 não se pode mais solicitar a certificação pelo Enem. A crítica sobre a

problemática de um exame que serve para vestibular se tornar certificador de pessoas que não conseguiram concluir a escola é válida, mas fica o questionamento para trabalhos futuros se somente o Enceja poderá despertar em jovens o pensamento de poder entrar na universidade, principalmente a pública.

## NOTAS

<sup>1</sup> *Google Forms* é uma ferramenta de se criar questionários online, em que uma vez criada, possui o acesso contínuo a ele, podendo encerrar ou reabrir o questionário.

<sup>2</sup> O trabalho foi aprovado no Comitê De Ética, com o número de parecer 4.110.196.

<sup>3</sup> O Estatuto da Juventude (2013) determina que a faixa etária que corresponde a juventude é de 15 a 29 anos, sendo de 15 a 17 jovem-adolescente, de 18 a 24 jovem-jovem e 25 a 29 jovem-adulto.

## REFERÊNCIAS

CORROCHANO, Maria Carla; FERREIRA, Maria Inês Caetano; SOUZA, Raquel. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. Ação Educativa, Instituto IBI, São Paulo, 2008. 88 p.

FERREIRA, Mônica Dias Peregrino; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Entrevista - Trajetórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres. **Revista teias** – UERJ, v. 12, p. 239-246, 2011.

FERREIRA, Mônica Dias Peregrino. Efeitos das Políticas de Correção de Fluxo sobre as gerações escolares que frequentam o Ensino Médio na modalidade de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, p. 372-403, 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins et al. Promessas e limites: o SiSU e sua implementação na universidade federal de minas gerais. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 33, e161036, 2017. Disponível em . Acesso em 25 Mar. 2021.

SERRAO, L. F. S. **Exames para certificação de conclusão de escolaridade: os casos do Enceja e do Enem**. 2014. 201 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e Educação: interações entre educação escolar e a educação não-formal. **Educação e Realidade**, v. 33, p. 83-97, 2008.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de 110 Janeiro: **Jorge Zahar Ed.**, 3ª ed., 2003.